



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

O QUE CARREGAM AS MULHERES: *NÓS, MULHERES DA PERIFERIA*, A INTERSECCIONALIDADE E O JORNALISMO PROFISSIONAL FEITO SOBRE, PARA E A PARTIR DAS PERIFERIAS¹

Dra. Melina de la Barrera Ayres - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre as contribuições da perspectiva interseccional para o Jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias. Para isso, analisa-se, com base na metodologia da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), a reportagem *Por que as mulheres estão sempre ‘carregando’ coisas?*, publicada em 8 de março de 2025 pelo site *Nós, Mulheres da Periferia*. A análise evidencia como a abordagem interseccional confere à pauta um enquadramento diferenciado, que valoriza experiências frequentemente silenciadas ou marginalizadas pela mídia hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias, interseccionalidade, *Nós Mulheres da Periferia*.

1 INTRODUÇÃO

Como expressão da comunicação contra-hegemônica, o Jornalismo Alternativo, Comunitário e Popular atua em defesa da democratização da informação e garantia de direitos (Peruzzo, 2005). Produzido por sujeitos periféricos, esses meios retratam suas realidades, reivindicando a pluralidade informativa. Impulsionados por avanços tecnológicos, mudanças no mercado de trabalho e maior acesso ao ensino superior, muitos desses meios passaram a se profissionalizar. Nesse contexto, destaca-se o site *Nós, mulheres da periferia*, criado em 2014 por mulheres — em sua maioria negras — com o objetivo de oferecer uma visão alternativa dos acontecimentos e “contribuir para uma sociedade mais plural, antirracista e não patriarcal” (2025, online). Sua linha editorial é voltada às vivências de mulheres negras e periféricas. Em 2025, a equipe conta com oito colaboradoras, todas com formação superior, sendo quatro jornalistas e outras formadas em áreas como Administração, Design, Pedagogia e Sonoplastia.

¹ Trabalho apresentado no GT2-Culturas populares, identidades e cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

A partir do questionamento: como a perspectiva interseccional pode contribuir com o Jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias? esta comunicação analisa, com base na metodologia da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), a matéria *Por que as mulheres estão sempre 'carregando' coisas?*, publicada em 8 de março de 2025.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a análise da matéria é Análise Crítica da Narrativa (ACN) proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, essa abordagem compreender três planos interligados: a) o *plano da expressão*, referente à linguagem; b) o *plano da estória*, que trata do conteúdo da matéria; e c) o *plano da metanarrativa*, que diz respeito ao contexto em que a narrativa está inserida. Os dois primeiros têm caráter predominantemente estético, enquanto o terceiro se relaciona ao campo ético, cultural e ideológico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A expressão "Jornalismo Profissional feito sobre, para e a partir das periferias e favelas" foi cunhada por Juliana Freire (2024). Para a autora, esse tipo de Jornalismo busca manter padrões de qualidade reconhecidos na profissão, ao mesmo tempo em que tensiona práticas e valores tradicionais com novas condutas.

Entre as novas práticas, Freire (2024) destaca a política editorial voltada às necessidades informacionais da periferia, a abordagem de pautas pouco exploradas pela imprensa hegemônica, o uso de linguagem próxima do universo cultural e vocabular do público, com expressões locais e recursos visuais conectados à realidade dos leitores.

Enquanto a mídia hegemônica frequentemente representa a periferia a partir de narrativas ancoradas em representações de pobreza, violência e criminalidade, esse Jornalismo reivindica a potência dos sujeitos periféricos e seus territórios (Rovida, 2020). Ele integra um movimento cultural mais amplo, que visa garantir os direitos à informação e à comunicação e ao trabalho dos comunicadores periféricos -viabilizado pelos avanços tecnológicos, novos modelos de financiamento e maior acesso ao ensino superior.

Esse Jornalismo incorpora, ainda, lutas por cidadania, pelo direito à diferença e adota uma perspectiva interseccional essencial ao enfrentamento das desigualdades (Freire, 2024). Neste trabalho a interseccional é compreendida a partir de Crenshaw (2002) como um sistema de opressões interligados. Assim, entende-se a interseccionalidade como ferramenta analítica que evidencia como

as relações de poder construídas por questões de raça, gênero e classe social não atuam isoladamente, mas de forma simultânea e integrada (Collins, Bilge, 2021).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com uma linguagem simples, a matéria “*Por que as mulheres estão sempre ‘carregando’ coisas*”, escrita por Amanda Stabile e publicada em 8 de março de 2025, aborda as cargas atribuídas às mulheres. A partir da ACN, é possível identificar elementos significativos nos três planos da narrativa propostos por Motta (2013).

No **Plano da Expressão**, observa-se a escolha de vocabulário como estratégia narrativa. O texto possui 2.112 palavras, das quais “mulheres” aparece 44 vezes, sendo “mulheres negras” sete dessas ocorrências. O uso do plural e a especificação da raça revelam a intenção de reconhecer a diversidade das experiências femininas. Outras palavras recorrentes são: “bolsa/s” (24) e “sacola” (2), totalizando 26 menções, além de “trabalho” (21). Esses termos reforçam a simbologia da carga material e imaterial carregada pelas mulheres. Palavras como “responsabilidade” (10), “vida” (10), “doméstico” (8), “casa” (6), “família” (6) e “carga” (6) corroboram essa leitura. Palavras como “sobrecarga”, “desigualdade” e “liberdade”, citadas três vezes cada, aparecem associadas às mulheres e às bolsas.

No **Plano da Estória**, a reportagem se inicia com uma fotografia de uma mulher negra, de costas, carregando bolsas, sacolas e um bebê, caminhando pela rua. Em seguida, apresenta-se o título e a linha fina: “É importante questionar as estruturas sociais que garantem que essa sobrecarga física e mental continue existindo” (NÓS, 2025, online). A matéria é estruturada em uma abertura (onde se apresenta o questionamento) e três retrancas e três retrancas: (1) a história das bolsas e sua relação com a moda; (2) a reflexão sobre o que as mulheres carregam socialmente; e (3) o foco nas desigualdades raciais enfrentadas pelas mulheres negras. Fotografias, galerias e olhos acompanham o texto.

No **Plano da Metanarrativa** reconhece-se o resgate história do uso das bolsas desde sua criação, destacando os diferentes usos atribuídos a homens e mulheres e sua relação com a moda de cada época. A matéria discute também as imposições sociais feitas às mulheres e conclui com uma retranca voltada para as mulheres negras. O pano de fundo é o Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março e reconhecido pela ONU desde 1975, o que confere à matéria uma contextualização política e simbólica significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A matéria evidencia a relevância da abordagem interseccional no Jornalismo, expressa não apenas escolha da pauta, mas na linguagem e na construção narrativa, que valoriza as experiências das mulheres, especialmente as periféricas e negras. A análise revela as múltiplas camadas dessas vivências: desde questões históricas e culturais, a desigualdades de classe e aspectos imateriais, como o cuidado e o “peso invisível das responsabilidades impostas pela sociedade” (NÓS, 2025, online), ligadas à construção dos papéis de gênero. Ao adotar uma perspectiva interseccional, o Jornalismo feito a partir das periferias oferece um enquadramento diferenciado, dando visibilidade a experiências frequentemente silenciadas ou ignoradas pela mídia hegemônica.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: UNIFEM. **Estudos feministas: uma introdução**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2002. p. 177.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

FREIRE, Julina Bezerra. **O Jornalismo Profissional feito sobre, para e a partir das periferias e favelas brasileiras: um estudo do Voz das Comunidades e da Agência Mural de Jornalismo das Periferias**. 2024. 365f. Tese (Doutorado em Jornalismo) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Por que as mulheres estão sempre ‘carregando’ coisas? Sacolas, crianças e tantas outras responsabilidades. Publicado em 8 mar. 2025. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/por-que-as-mulheres-estao-sempre-carregando-coisas-sacolas-criancas-e-tantas-outras-responsabilidades/> Acesso em: 8 abr. 2025.

PERUZZO, Célia. Jornalismo alternativo: uma prática comunicacional da sociedade civil. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 97–113, 2005.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas**. Curitiba: CRV, 2020.